

FERREIRA GULLAR

LIBRETO

SÃO PAULO

FRONTEIRAS
DO PENSAMENTO

▶ **COMO VIVER
JUNTOS**

TEMPORADA
2015



► FERREIRA GULLAR

(Brasil, 1930)

Poeta, crítico de arte e ensaísta brasileiro. Considerado um dos mais importantes poetas brasileiros, é membro da Academia Brasileira de Letras e recebeu o Prêmio Luís de Camões.

“A poesia é, na verdade, um modo especial de relacionar-se com a realidade, de inventá-la. Talvez o que a distinga dos demais gêneros seja a sua excepcionalidade e a busca do essencial.”

Expediente

Fronteiras do Pensamento®
Temporada 2015

Curadoria

Fernando Schüller

Concepção e Coordenação Editorial

Luciana Thomé
Michele Mastalir

Pesquisa

Francisco Azeredo
Juliana Szabluk

Editoração e Design

Lume Ideias

Revisão Ortográfica

Renato Deitos

www.frenteiras.com

► VIDA E OBRA

Nascido em São Luís, no Maranhão, Ferreira Gullar é considerado um dos mais importantes poetas brasileiros. Atuou como locutor de rádio, editor de revistas literárias e revisor de *O Cruzeiro*, além de crítico cultural no *Diário Carioca* e no *Jornal do Brasil*. Consagrou-se como poeta em busca do aperfeiçoamento da própria voz literária. Em 2009, integrou a lista da revista *Época* dos 100 brasileiros mais influentes do ano.

Em 1945, obteve nota 95 em redação sobre o Dia do Trabalho, na qual ironizava o fato de não se trabalhar nesse dia. Não tirou nota máxima em virtude dos erros gramaticais. Assim, passou a se dedicar ao estudo das normas da língua. Essa redação foi inspiradora do soneto *O trabalho*, primeiro poema publicado por ele no jornal *O Combate*, de São Luís, três anos depois. Aos 18 anos, mudou seu nome, adotando o “Goulart” materno, adaptado à grafia portuguesa.

Em tantas décadas de produção artística, participou ativamente de acontecimentos relevantes da poesia moderna brasileira, como o movimento da poesia concreta, com Augusto e Haroldo de Campos e Décio Pignatari, e a criação

do neoconcretismo, com Lúcia Clark e Hélio Oiticica. Posteriormente, desvinculou-se do experimentalismo literário para atuar com uma poesia mais engajada política e socialmente, marcada pelas publicações de *João Boa-Morte*, *cabra marcado para morrer* e *Quem matou Aparecida*.

Em 1964, filiou-se ao Partido Comunista Brasileiro. No mesmo ano, ao lado de Oduvaldo Vianna Filho, Paulo Pontes, Thereza Aragão, Pichin Pla, entre outros, fundou o Grupo Opinião. Em 1966, a peça *Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come*, escrita em parceria com Vianna Filho, foi encenada pelo grupo no Rio de Janeiro, e conquistou os prêmios Molière e Saci.

O ano de 1970 marcou sua entrada na clandestinidade. Exilado pela ditadura militar, viveu na União Soviética, no Chile, no Peru e na Argentina. Durante o exílio, passou a se dedicar também à pintura. Em 1977, retornou ao Brasil, sendo preso no dia seguinte pelo Departamento de Política Política e Social (Dops), e liberado após 72 horas de interrogatórios. Desiludido com o socialismo em todas as suas formas, hoje acha o capitalismo “invencível”.

Gullar teve dois filhos afligidos pela esquizofrenia, um deles falecido. O poeta narra o drama familiar e faz a de-

fesa da internação em hospitais psiquiátricos dos doentes em fase aguda.

Em 2002, foi indicado ao Prêmio Nobel de Literatura por nove professores de universidades no Brasil, em Portugal e nos Estados Unidos. Crítico de arte, biógrafo e ensaísta, publicou dezenas de livros, entre eles a obra-prima *Poema sujo*, *Muitas vozes* e *Resmungos*. Em 2010, recebeu o Prêmio Luís de Camões, reconhecido prêmio literário para autores de língua portuguesa. Em 2011, foi agraciado com o Prêmio Jabuti com o livro *Em alguma parte alguma*. Em 2014, tomou posse na Academia Brasileira de Letras.

Ferreira Gullar define que a poesia é um modo de inventar a vida. Para ele, o poema é algo que as circunstâncias determinam e que surge a partir de uma descoberta inesperada. “Tem de haver espanto, não se faz poesia a frio”, declarou.

“Não adoto método algum para escrever os poemas, antes me deixo arrastar pela descoberta que me surpreendeu e me pôs em estado capaz de escrever o poema. Não é que tenha exigência no fazer. Pelo contrário, busco dizer o que for de modo sucinto e inesperado, para que assim também surpreenda o leitor e o faça viajar comigo nesse mundo poético. O primeiro a ser surpreendido pelo poema sou eu mesmo, o primeiro leitor.”

“Poesia não nasce pela vontade da gente, ela nasce do espanto, alguma coisa da vida que eu vejo e que não sabia. Só escrevo assim. Estou na praia, lembro do meu filho que morreu. Ele via aquele mar, aquela paisagem. Hoje estou vendo por ele. Aí começo um poema... Os mortos veem o mundo pelos olhos dos vivos. Não dá para escrever um poema sobre qualquer coisa. O mundo aparentemente está explicado, mas não está. Viver em um mundo sem explicação alguma ia deixar todo mundo louco. Mas nenhuma explicação explica tudo, nem poderia. Então, de vez em quando o não explicado se revela, e é isso que faz nascer a poesia. Só aquilo que não se sabe pode ser poesia.”

“A palavra inspiração, ela tem uma conotação antiquada, pressupõe inspiração divina ou de deuses. Isso, realmente, não é o caso. Mas transpiração é trabalho. Sem transpiração não há arte, sem trabalho, sem o apuro dos meios, da forma, não há arte. Mas também sem essa outra coisa que se chama inspiração também não há. Porque do contrário,

se saber fazer fosse suficiente para se fazer arte, então todo poeta, depois que ele ganhasse o domínio da sua técnica, ele passaria a produzir em série obras-primas, coisa que a história mostra que não é verdade.”

“No fundo, a motivação não é constante. Tanto que escrevo muito pouco. Escrevo muito pouco. A minha poesia, costume dizer, ela nasce no espanto. Precisa de alguma coisa que me surpreenda – que eu não tenha descoberto ainda na vida, com minha experiência de vida. Entendeu? Nasce, assim, de uma coisa que não controlo. Não posso dizer: ‘Vou escrever dez poemas esse mês’. ‘Vou escrever um poema amanhã.’ Não posso. Está inteiramente fora do meu controle. Tanto que posso passar um ano sem escrever nada... Eu estava oito meses sem escrever, fui fazer uma viagem para Nova York, no hotel... Cheguei lá, de repente, e aconteceu que escrevi cinco poemas numa tarde. É uma coisa que nasce de descobertas da vida.”

“A minha preocupação com a formação dos jovens é fundamental. A educação é fundamental, em todos os níveis, não só educação técnica, científica. Mas a educação literária, artística e ética para formar pessoas legais que vão ajudar aos outros. Uma sociedade solidária, fraterna, isso que tem que se construir. É difícil, complicado, sabemos que é. O sentido da vida são os outros, a vida não tem sentido a não ser esse. O sentido da vida são os outros. Você trabalha para os outros, cria para os outros... Não só para teu filho, teu amigo, mas para todos os outros. É o sentido que eu acho que a vida tem.”



POEMA SUJO

1ª edição – 1976 /
José Olympio, 2013

“Poema Sujo” nasceu em circunstâncias dramáticas da vida de Ferreira Gullar, então no exílio, em Buenos Aires. É um texto de composição complexa, ao mesmo tempo lírico e narrativo.



***ETAPAS DA ARTE
CONTEMPORÂNEA***

1ª edição – 1985 / Revan, 1998

Este livro projetou Ferreira Gullar como crítico de arte, além de poeta e publicista. Uma pequena história da arte focada na evolução que levou ao movimento concretista. Picasso, Braque, Léger, Apollinaire são alguns dentre os artistas cuja obra Gullar enfoca em *Etapas da arte contemporânea*.



***O HOMEM COMO
INVENÇÃO DE SI
MESMO***

1ª edição – 2012 /
José Olympio (teatro)

Esta obra (constituída no monólogo em um ato) busca levantar questionamentos como fé, instituições, sociedade e realidade.



Um livro que reúne, entre grandes autores nacionais e estrangeiros, os mais de 150 poemas prediletos do maior poeta vivo do País. O melhor da poesia de todos os tempos. Nesta antologia pessoal, Ferreira Gullar reúne grandes nomes da poesia do Brasil e do mundo, com poetas e poemas que o deslumbraram. O propósito do livro é oferecer o poema como puro prazer de leitura e encantamento.

WIKIPEDIA

http://pt.wikipedia.org/wiki/Ferreira_Gullar

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Página de Ferreira Gullar no *site* da Academia Brasileira de Letras

<http://is.gd/Gullar1>

(<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=1042>)

ENTREVISTAS

“A continuação do PT no poder é um desastre”

Entrevista para a revista *IstoÉ*, publicada em outubro de 2014

<http://is.gd/Gullar2>

(http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/388167_A+CONTINUACAO+DO+PT+NO+PODER+E+UM+DESASTRE+)

“Um poema, antes de ser político, tem que ser poético”

Entrevista para o jornal *Cândido*, publicada em janeiro de 2014

<http://is.gd/Gullar3>

(<http://www.candido.bpp.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=601>)

Ferreira Gullar critica o governo e a arte contemporânea

Entrevista para o *Diário de Pernambuco*, publicada em julho de 2013

<http://is.gd/Gullar4>

(http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2013/07/10/internas_viver,449758/ferreira-gullar-critica-arte-governo-e-arte-contemporanea.shtml)

“Não tenho dúvida nenhuma de que o socialismo acabou, só alguns malucos insistem no contrário”

Entrevista para a revista *Vêja*, publicada em setembro de 2012

<http://is.gd/Gullar5>

(<http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/politica-cia/ferreira-gullar-uma-visao-critica-das-coisas/>)

Os espantos de Gullar

Entrevista para o jornal literário *Rascunho*, publicada em janeiro de 2011

<http://is.gd/Gullar6>

(<http://rascunho.gazetadopovo.com.br/os-espantos-de-gullar/>)

Ferreira Gullar, a poesia nasce do espanto

Entrevista para o portal Saraiva Conteúdo, publicada em novembro de 2009

<http://is.gd/Gullar7>

(<http://www.saraivaconteudo.com.br/Materias/Post/10154>)

VÍDEOS E LINKS

Coluna *Folha de S.Paulo*

Links para os textos da coluna de Ferreira Gullar no jornal

Folha de S.Paulo

<http://is.gd/Gullar8>

(<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/ferreiragullar/>)

Poeta Ferreira Gullar toma posse na Academia Brasileira de Letras

Matéria publicada no *site* G1 sobre a posse de Ferreira Gullar na ABL

<http://is.gd/Gullar9>

(<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/12/poeta-ferreira-gullar-toma-posse-na-academia-brasileira-de-lettras.html>)

Dentro do tempo voraz

Matéria do jornal literário *Cândido* sobre Ferreira Gullar, publicada em janeiro de 2014

<http://is.gd/Gullar10>

(<http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=346>)

A poesia de Ferreira Gullar

Entrevista com Ferreira Gullar no programa *Conexão Roberto D'Ávila* na GloboNews

<http://is.gd/Gullar11>

(<http://globotv.globo.com/globonews/roberto-davila/v/a-poesia-de-ferreira-gullar/3629070/>)

Metrópolis

Entrevista ao programa *Metrópolis* da TV Cultura, em novembro de 2011

<http://is.gd/Gullar12>

(<http://tvuol.uol.com.br/video/metropolis-entrevista-com-o-poeta-ferreira-gullar-04020C993572E4912326>)

O vertiginoso relâmpago

Resenha do livro *Em alguma parte alguma*, de Ferreira Gullar, no jornal literário *Rascunho*

<http://is.gd/Gullar13>

(<http://rascunho.gazetadopovo.com.br/o-vertiginoso-relampago/>)

Ferreira Gullar, impostor – As atividades escusas de um dos maiores poetas do Brasil

Texto publicado na revista *Piauí*, em janeiro de 2007

<http://is.gd/Gullar14>

(<http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-4/esquina/ferreira-gullar-impostor>)

Roda Viva

Participação de Ferreira Gullar no programa *Roda Viva* da TV Cultura, em outubro de 2001

<http://is.gd/Gullar15>

(http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/243/entrevistados/ferreira_gullar_2001.htm)

FERREIRA GULLAR: UM POETA COMPROMETIDO COM O TEMPO

POR VIVIANA BOSI

Professora no Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo, tendo defendido livre-docência com a tese *Poesia em risco (itinerários a partir dos anos 60)*. Realizou pesquisa de pós-doutorado tanto na Universidade Nova de Lisboa quanto na Casa de Rui Barbosa no Rio de Janeiro. Publicou *John Ashbery, um módulo para o vento*, dentre outros trabalhos, em geral sobre poesia brasileira.

A trajetória de Ferreira Gullar, tanto em sua obra poética quanto em seus estudos de estética, procurou sempre responder às inquietações culturais de nossa época. Desde os anos 1950, o poeta vem participando dos debates políticos e artísticos mais significativos do País.

Nascido em 1930, em São Luís do Maranhão, José de Ribamar Ferreira (seu nome de pia) estreou com *Um pouco acima do chão* (1949), livro que não divulgou por considerá-lo imaturo. Sua verdadeira obra inicial, aque-

la que o tornou conhecido como poeta, é *A luta corporal* (1954), publicada quando o jovem Gullar já havia se mudado para o Rio de Janeiro, onde vive até hoje. O título anuncia um dos aspectos nodais de sua busca naquele momento: a intensidade com que desejava enfrentar a linguagem. Insatisfeito, o jovem poeta ensaia diversos caminhos, ora através do lirismo, ora através das iluminações, ora através da franca destruição, corroendo a língua, explodindo as próprias palavras.

Um poema como “Galo galo” poderia servir de metáfora de sua visão do artista naquele primeiro livro: um combatente solitário, autoquestionador, que desafia o destino através do canto, ainda que este seja talvez inútil. Em outro poema, “Peras”, os seres passam da vida para a morte sem redenção, pois o tempo que tudo mede e consome se impõe sobre todos.

Em toda sua obra, desde aquele volume inaugural, Gullar reclama uma poesia presente, na carne das coisas, nos barulhos do dia, como se a linguagem não existisse antes do poema: “eu não podia mais me ater a normas prontas, eu tinha de descobrir no processo a forma do poema, e esta é, enfim, a essência do livro *A luta corporal*”, em uma intensidade de procura que passa pela des-

truição, até chegar aos escombros do som e à “sabedoria do corpo”, à “fala brotando em silêncio” (“Reinvenção da poesia”, em *Indagações de hoje*).

A necessidade de uma nova poesia afina-se com o então jovem movimento concreto em fins dos anos 1950. Assim como compõe alguns poemas visuais, recusando o discursivo em nome de uma linguagem mais substantiva, também se interessa pela arte neoconcreta, que então se encaminhava para criar formas plásticas que rompessem com modelos anteriores de pintura e escultura. É dessa época o influente manifesto “Teoria do não-objeto” (1959), ao lado de outros ensaios críticos de reflexão sobre arte.

Propunha aproximar-se do organismo vivo, ressaltando a importância do tempo mais do que do espaço. Embora concordasse com os concretos quanto ao repúdio da “sintaxe unidirecional”, apoiava, junto aos outros artistas que subscreviam o “Manifesto neoconcreto”, a volta ao “verbo”, que considerava mais expressivo. Sugere-se o conceito de um espectador participante nessas primeiras experiências com poemas-objetos, que necessitam da ação interativa de um interlocutor para realizar-se como significado pleno.

A consciência do hiato irresolúvel entre mundo e palavra vai manter-se constante em sua obra, e terá aguda conexão com o problema da matéria da vida e de sua relação com a poesia. Amigo de Mário Pedrosa, que muito o influenciou, todo o seu empenho teórico para compreender as inovações de Lygia Clark e Helio Oiticica naquele período segue na direção de imaginar uma arte que superasse a representação: o “não-objeto” deveria ser uma “apresentação” de algo que seria como uma experiência primeira, anterior aos nomes e coisas já classificadas (“Teoria do não-objeto”, 1959).

A “tensão”, nesse caso, dá-se entre o momento vivo de criação do poema e sua posterior solidificação como parte da cultura (que ele afirma e nega, gerando uma dimensão própria). Esse conflito deveria transparecer no interior da obra, uma vez que, segundo afirmava, “A arte não é uma atividade de segundo grau, mas um ato primeiro que muda o mundo” (“O tempo e a obra”, 1961).

No começo da década de 1960, período de grandes esperanças de transformação do quadro social brasileiro, Gullar se envolve ativamente nas discussões dos Centros Populares de Cultura (CPC), disposto a fazer uma poesia de cunho político e alcance popular. Compõe algumas

narrativas em verso incorporando a fatura do cordel, como “João Boa Morte: cabra marcado para morrer”. Mas logo se abate sobre o País o golpe militar, e o poeta, na época presidente do CPC da UNE, tenta resistir, participando da confecção de espetáculos de música e de teatro que se opusessem ao regime. Decide filiar-se ao PCB assim que recebe a notícia de que se instalou a ditadura. Nesse período, publica ainda *Vanguarda e subdesenvolvimento* (1969), importante discussão sobre a cultura brasileira, entre o localismo e o cosmopolitismo. Acaba por ser perseguido, torna-se clandestino e, afinal, precisa fugir, exilado do País.

Seu testemunho poético desses anos conturbados é a coletânea *Dentro da noite veloz*, reunião de poemas compostos entre 1962 e 1975, em que a denúncia se enlaça ao sonho de outro futuro. As imagens, aderidas ao concreto, mesclam-se à simultaneidade dos tempos e espaços, ampliando-se a respiração dos poemas, a anunciar o que estava por vir, o *Poema sujo*, concebido na Argentina em tempos sombrios. Como se sabe, Vinícius de Moraes gravou o longo poema recitado por Gullar e trouxe a fita para o Brasil em 1975, de modo que aqueles versos, ouvidos coletivamente por amigos saudosos, acabaram, à revelia da lei, por puxar de volta a pessoa do poeta cuja

voz se fizera primeiro ouvir como uma encarnação do desejo de liberdade que então se anunciava.

No *Poema sujo* realiza-se um envolvimento visceral com a memória, pois a linguagem lírica se alargou para recebê-la. O exílio levou o poeta a expressar uma subjetividade solitária embora, paradoxalmente, agora sim múltipla e solidária. Lembranças de coisas e pessoas do passado voltam a existir, posto que fragmentadas, assim como o anseio veemente pelo clarear do dia, íntimo ainda que mediado pela distância física e psíquica. A pluralidade de tempos e vozes que o poema convoca, fazendo irromper o menino e o adolescente dentro do homem, seja em breves sequências narrativas, seja pela imersão nas sensações vivenciadas (fiapos de cor, luz, cheiros que se entramam dentro de si), torna-se igualmente uma multiplicidade de perspectivas que se reflete no próprio processo de composição, elaborado como montagem e colagem de núcleos independentes, mas afinal interagindo e encaixando-se polifonicamente.

Seu livro seguinte, *Na vertigem do dia* (1980), reaquece o embate entre vida e arte, através de alguns poemas que se tornaram emblemáticos, como “Traduzir-se”, “Bananas podres”, “Arte poética”, dentre outros, nos quais o

desenho sonoro das palavras gravadas na página parece ecoar o desassossego que a meditação sobre a premência do tempo passando nelas imprime. O clarão, a ventania, o marulho do mar, são os rumores inquietos que vêm desequilibrar a figuração do poema. O problema da representação imobilizadora é que, embora reflita a paisagem, não consegue reter o movimento ruidoso da vida: “o vento nas copas/ o ladrar dos cães/ a conversa na sala/ barulhos/ sem os quais/ não haveria tardes nem manhãs”. Isto é, o poeta não petrifica a sua imagem, comparando-se a “um acrobata/ estendido sobre um relâmpago”.

O poema quer ser “uma luz do chão”, o mais prosaico e menos “literário” possível, afirma Gullar, numa entrevista: “É esse frescor da experiência vital, primeira, que pretendo captar e expressar”. Assim, tanto em *Barulhos* (1987) quanto em *Muitas vozes* (1999) repropõe sua pregressa teoria do não-objeto, batizando um poema de “Não-coisa” e nele recolocando algumas das perguntas que o assombram desde sempre. Começa por dizer que não cabe no discurso o sabor, o perfume, o odor, o barulho, do mundo, mas que o poema tenta “incutir na linguagem/densidade de coisa”, ainda que consciente da impossibilidade de pular esta barreira. O poema é, também, a voz dos outros, e não mais uma obra estanque

e isolada (como acreditava ser quando escreveu “Galo, galo”) – mas, ao mesmo tempo, continua a sê-lo –, sobrevoando a própria impossibilidade (como definiu Adorno o lugar da lírica na modernidade). Termina assim:

*Toda coisa tem peso:
Uma noite em seu centro.
O poema é uma coisa
Que não tem nada dentro*

*A não ser o ressoar
De uma imprecisa voz
Que não quer se apagar
– essa voz somos nós.*

Assim, as “muitas vozes” podem afinal habitar o verso, sacudido pelo ruído das ruas, do verão que envolve a cidade e o homem, a quem a língua intenta incorporar ao poema. O retesamento entre a permanência da matéria e a instabilidade da passagem do tempo, que ceifa tanto as frutas que apodrecem quanto as pessoas amadas, é paralelo ao anseio dramático de gerar vida no poema, como se este fosse uma usina de energia que pudesse acender uma flama na realidade.

Mas, se “o poema é uma coisa/ que não tem nada dentro”, ele quer mesmo assim existir plenamente, *Em alguma parte alguma* (seu mais recente título de poesia, publicado em 2010). O que é afinal esta linguagem que detona um

tipo de efeito imprevisto – alarido, lampejo ou estampido – na zona de contato entre imaginário e real?

No último livro, procura solucionar essa questão nas artes plásticas. No extraordinário “Figura-fundo”, começa por sustentar que “a pera pintada é falsa” para afinal concluir que se pode atingir uma “pintura-pera”, tão profundamente verdadeira quanto as frutas naturais. Para falar com Merleau-Ponty, também Gullar considera o encontro com “o coração das coisas”, quando o pintor não representa mais o mundo, mas ambos se criam pela fusão entre quem vê e o que é visto. Não existe separação entre “figura” e “fundo”, uma vez que a “pera pintada” nasce das palavras densas do poema. Logo, o “objeto” artístico não significa algo reificado e alheio, pois ocorre uma “transubstanciação do pintor em pintura”, quando o artista se converte em “quadro-corpo”. A diferença entre palavra e realidade, mesmo que irreduzível, não pende em desvantagem para a primeira.

Se a fortuna crítica de Gullar demonstrou de diversas maneiras esse centro de irradiação determinante, “o trepidar do tempo que escorre da torneira” – poesia que, tanto através da sonoridade e da imagem quanto nos possíveis sentidos, se abisma inquieta sobre a tran-

itorialidade humana –, também se observa que, depois de bater-se ao longo de toda sua obra com o contraste entre mundo e arte, no qual esta ansiava por alcançar a consistência das coisas, em mais de um momento deste livro sugere a existência de algo que “fulge”, ainda que se assemelhe a “um silêncio/ que o poeta exuma do pó”, e que vive ao revés, sem eximir-se da dor. Contudo, este ser híbrido segue existindo, invenção humana para respirar junto com e além da brevidade fugidia, pois “em algum lugar/ esplende uma corola”...

▶ ANOTAÇÕES

FR**NTEIRAS**
DO PENSAMENTO